



Por uma educação feminista: reflexões de uma estagiária de geografia em turmas do Ensino Médio

Thayná Gomes¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ/FEBF

Resumo.

O presente relato tem por objetivo refletir acerca de como o patriarcado está presente dentro de sala de aula e como uma educação feminista pode ser a chave para diminuir casos de machismo na escola. A partir de uma experiência negativa vivenciada no estágio supervisionado, esse trabalho defende a importância do combate a falas machistas dentro de sala de aula e propõe que professoras e professores comecem a se interessar verdadeiramente por uma educação emancipadora, crítica e feminista. Para tal, é importante que a direção e toda comunidade escolar tencione tais discursos e práticas e se posicione não permitindo tais situações dentro do ambiente escolar.

Palavras-chave: feminismo; educação; geografia; machismo; ambiente escolar.

TOWARDS A FEMINIST EDUCATION: REPORTS OF A FEMALE TRAINEE IN HIGH SCHOOL CLASSES

Abstract.

The present report aims to reflect about how patriarchy is present in the classroom and how a feminist education can be the key to reduce cases of machismo at school. Based on a negative experience lived during the supervised internship, this work defends the importance of fighting against sexist speeches in the classroom and proposes that teachers begin to be truly interested in an emancipating, critical, and feminist education. For such, it is important that the school board and the entire school community intend such speeches and practices and position themselves not to allow such situations within the school environment.

Keywords: feminism 1; education 2; geography 3; machismo 4; reports 5. school environment

HACIA UNA EDUCACIÓN FEMINISTA: INFORMES DE UN APRENDIZ EN LAS CLASES DE SECUNDARIA

¹ Licenciada em Geografia, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense FEBF/UERJ.
E-mail: thayn536@gmail.com

Resumen.

El presente informe pretende reflexionar sobre cómo el patriarcado está presente en las aulas y cómo una educación feminista puede ser la clave para reducir los casos de machismo en la escuela. A partir de una experiencia negativa vivida durante las prácticas tuteladas, este trabajo defiende la importancia de luchar contra los discursos machistas en las aulas y propone que los profesores empiecen a interesarse realmente por una educación emancipadora, crítica y feminista. Por ello, es importante que la dirección y toda la comunidad escolar se propongan este tipo de discursos y prácticas y se posicionan no permitiendo estas situaciones dentro del entorno escolar.

Palabras clave: feminismo 1; educación 2; geografía 3; machismo 4; historias 5. entorno escolar

Introdução

Tive a oportunidade de estagiar em uma escola estadual que está localizada no centro de Duque de Caxias. A mesma recebe alunos que moram próximos à unidade escolar e também discentes que moram em municípios vizinhos. A região é marcada por violência e altos índices de criminalidade. Segundo o que era dito pelos próprios alunos e professores, era comum ocorrerem assaltos na porta da escola. É fato que essa situação, por si só, já é capaz de dificultar a qualidade do ensino do estudante.

Infelizmente, além de enfrentar as problemáticas que marcam o cotidiano, como a criminalidade, muitos jovens acabam tendo que lidar com outros tipos de desafios dentro de sala de aula. A escola que deveria ser um espaço acolhedor, em muitos momentos, reproduz preconceitos que estão enraizados dentro da nossa sociedade. Uma terrível prática que tanto marca e prejudica a formação de jovens, especificamente meninas, é o machismo.

A experiência do estágio é muito importante na graduação de um futuro profissional da educação, quando ele tem a oportunidade de voltar a ter contato com a escola, porém, dessa vez, com um olhar diferenciado perante as situações que perpassam o ambiente escolar, devido a tudo que é discutido dentro do ambiente acadêmico. É dentro da Universidade que é possível discutir uma série de pressupostos teóricos, que juntamente com a prática de observar um ambiente escolar específico, somam para o enriquecimento do conhecimento do futuro docente. Tanto as experiências positivas como as negativas, são importantes para o estagiário refletir acerca de muitas questões.

Aqui, não terei tantas vivências positivas para compartilhar. Mas as más experiências que eu tive, principalmente em relação ao comportamento do professor que tive a oportunidade de acompanhar juntamente com duas turmas do ensino médio, escancaram a emergência de profissionais da educação pensarem em trabalhar uma educação feminista dentro de sala de aula. Para isso, é importante que o docente esteja sempre estudando, pesquisando e adquirindo arcabouço teórico- conceitual e que a escola seja um espaço de debate democrático e humanizador.



Relato do que ocorreu no estágio

O dia 09/08/2022 foi o dia que marcou a minha experiência como estagiária. Infelizmente, esse não foi um marco positivo. Em um momento da aula, alguma aluna do lado de fora ofendeu um aluno dentro da sala de aula. Começou uma discussão e o professor começou a ter comportamentos extremamente machistas. O docente, em questão, disse que depois que um aluno reage a violência, a menina costuma se vitimizar. Ao ser questionado sobre sua fala, o professor disse que não acha justo que uma mulher possa agredir um homem e que ele não possa revidar. Tal fala foi extremamente problemática e me entristeceu muito enquanto mulher.

A autora bell hooks² (2018), diz em seu livro “O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras”, que é importante que as pessoas entendam o patriarcado como um sistema de dominação e como o mesmo foi institucionalizado e mantido até os dias de hoje. Porém, infelizmente, o que foi visto na sala de aula foi um homem, que é educador, e que não parecia preocupado em entender como o machismo afeta as mulheres na sociedade e que ainda por cima se mostra apoiador de violência contra a mulher. É muito triste ver alunos ouvindo isso de um profissional de educação. É preocupante pensar como muitos alunos irão ouvir uma fala como essa e reproduzir na sociedade com a desculpa de que “meu professor de Geografia falou isso em sala”.

Segundo hooks (2018), o feminismo foi o movimento responsável por expor a contínua realidade da violência doméstica. A mesma ainda declara que a violência contra a mulher é resultado do sexismo. Mesmo que a maior parte das pessoas se posicione contra a violência contra a mulher, toda vez que alguém diz que essa questão só será resolvida quando o sexismo acabar, elas têm dificuldade em fazer essa dedução que, segundo a autora, é lógica.

Hooks (2018) afirma que para entender as problemáticas do sexismo, é preciso mudar as maneiras de pensar gênero. Infelizmente, é comum que

²Bell hooks é, na verdade, um nome artístico escolhido por Gloria Watkins em homenagem à sua bisavó. O uso das letras em minúsculas foi para que o destaque fosse para as suas obras e não para a sua pessoa.



homens tenham relutância em reconhecer suas próprias atitudes machistas. Quando a diretora chamou o professor de geografia para conversar, foi possível perceber que o mesmo ficou na defensiva e ainda disse: “Não, eu não fui machista”. Segundo Adichie (2014), homens costumam dizer que questões relacionadas à violência contra a mulher são coisas do passado. Porém, é muito comum ver muitos homens com discursos problemáticos. O machismo é real e o mesmo tem tirado a vida de muitas mulheres.

Uma educação feminista oferece uma solução para o pensamento patriarcal e é dever de todos (homens e mulheres) estarem presentes nessa luta. Para isso, é preciso que os homens estejam abertos a entender os seus próprios comportamentos e busquem a mudança.

“Sejamos todos feministas”

O comportamento desse professor evidenciou como que o machismo ainda está muito presente dentro de sala de aula e que as alunas acabam sofrendo ainda mais com essas falas. Essa violência explícita em forma de brincadeiras e simples comentários pode fazer com que muitas meninas vejam a escola como um ambiente hostil. Porém, é importante que a escola seja um lugar acolhedor e que a direção se mostre preocupada em tomar medidas necessárias caso algo problemático aconteça.

Digo isso porque eu percebi que quando a aula desse professor terminou, uma aluna chamou a diretora para falar sobre o ocorrido, porém, nada aconteceu. O inspetor dessa escola chegou a dizer, inclusive, que esse professor sempre era chamado para conversar com a diretora por conta de reclamações de alunas. Acho muito bom saber que tem alunas que não tem medo de expor uma situação que as incomoda, porém, acho muito ruim que suas falas não sejam levadas em consideração o suficiente por aqueles que deveriam apoiá-las. Freire (1996) afirma que não adianta termos um discurso intelectual e até mesmo “progressista”, se nossas práticas não são coerentes com aquilo que tanto pregamos.



Adichie (2014) explica em seu livro, cujo título tomamos emprestado para essa seção do relato, que a forma como a sociedade cria meninos e meninas é muito problemática. Muitas famílias ainda criam suas filhas para não se posicionarem. Muitas mulheres crescem vendo questões problemáticas ao seu redor, porém tem medo de falarem sobre o que as incomoda. Por esse motivo, a escola precisa ser o lugar onde seja possível refletir o mundo em que se vive para pensarmos em como melhorá-lo.

Para isso, os alunos precisam se sentir à vontade para se posicionarem e reclamarem quando verem uma atitude problemática. Mais do que meros discursos bonitos e engajados, é preciso que todos estejam preocupados em manter uma teoria alinhada à prática. A escola precisa ouvir as reclamações dos seus alunos e fazer algo a respeito de forma rápida e eficaz.

A diretora citada no relato afirmou que se preocupa em elaborar com os alunos trabalhos voltados para falar sobre racismo e violência contra a mulher. De fato, pelos muros da escola, havia vários trabalhos dos alunos sobre a importância de respeitar e nunca agredir uma mulher. Porém, como já foi dito, é preciso medidas mais incisivas, cada vez que o fato emergir na escola. E, conjuntamente, avaliar o descompasso entre o que anunciam o Projeto Político Pedagógico da escola expresso em documentos e murais, e como se lida com o que se denuncia no cotidiano escolar.

Mesmo com tudo o que presenciei de negativo, teve algo que me deixou um pouco mais esperançosa em relação ao futuro. Vi alunos, em sua maioria meninos, se manifestando contra as atitudes do professor dizendo na sua frente o quão machista a sua atitude estava sendo. Dentro de sala, vários se posicionaram dizendo que dentro de casa, eles aprenderam que nunca se deve bater em uma mulher. Pude ver diante dos meus olhos a figura do retrocesso de um lado e a figura da esperança do outro.

É importante que aqueles que estão sendo contemplados com uma educação que destaca a importância do respeito à mulher, se posicionem e estejam aptos a combater qualquer fala desrespeitosa. Ainda hooks (2018), declara que a educação precisa ser oferecida a crianças dentro de um contexto feminista, pois dessa forma meninas e meninos não serão julgados com base



em preconceitos sexistas e poderão se desenvolver de forma mais saudável. A autora também destaca que é importante que as famílias dos meninos se preocupem em ensinar seus filhos a respeitarem as meninas.

Considerações finais

Um professor de geografia, que se comporta de forma machista e tem um comportamento opressor em relação a suas alunas, não está verdadeiramente apto para dar aulas de geografia, pois essa é uma ciência que tem um grande potencial dentro de sala de aula. Com ela, o docente pode trabalhar temáticas como o lugar social da mulher, as condições e relações de trabalho que as mulheres estão inseridas e outros aspectos fundamentais para compreender e discutir processos constitutivos dos territórios.

A geografia pode servir para discutir a importância da luta das mulheres dentro do feminismo e a importância das mulheres na produção de conhecimento. Mas, diante dessa experiência, o potencial da ciência geográfica foi totalmente deixado de lado. O ensino, para ser de qualidade, precisa estar destituído de qualquer tipo de preconceito.

Portanto, o que presenciei na escola mostra a urgência de uma educação feminista. A escola juntamente com a família precisa repensar tudo que vem aprendendo e ensinando até agora para construir o mundo mais justo e igualitário que todos os documentos de políticas públicas educacionais citam como finalidade. Nesse sentido e para o tema de nossa reflexão, antes de qualquer coisa, é preciso que todos reconheçam que o sexismo é a raiz do problema das diversas violências contra a mulher.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**; 7ª ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**; 1



ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

